

PERSONAGEM

As histórias de 'Índio', segurança do poder 73

COLUNA DO ESTADÃO

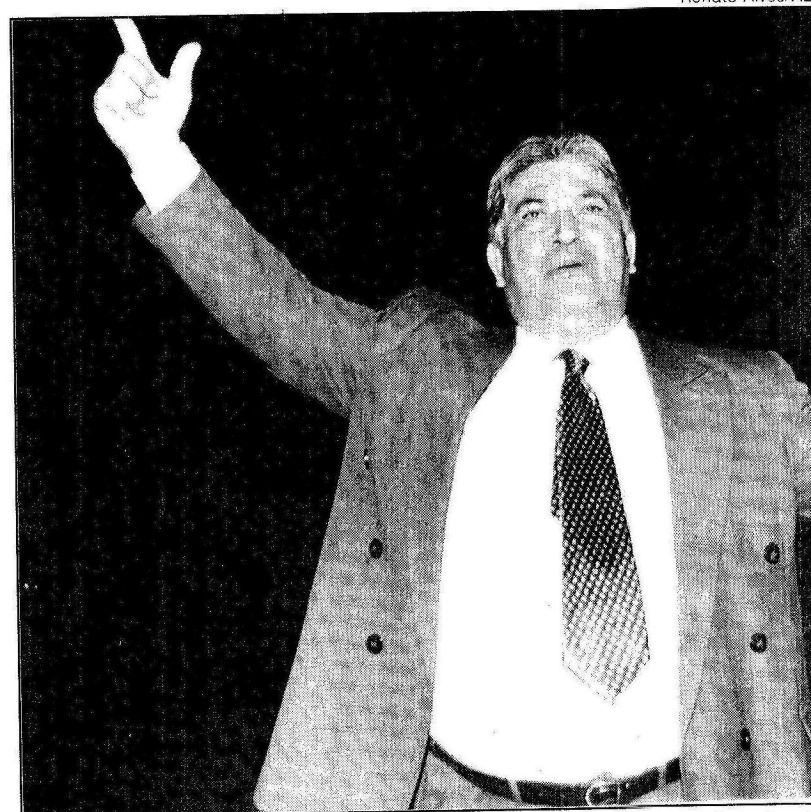
*Francisco Pereira da Silva
se aposenta do serviço
público e conta bastidores
de 37 anos de República*

ROSA COSTA
e HELENA CHAGAS

BRASÍLIA — Se ele abrir a boca, a República pode tremer. Segredos como o fracasso da tentativa que o ex-presidente João Figueiredo fez de se encontrar com o candidato da oposição, Tancredo Neves, às 3 horas da madrugada, às vésperas do colégio eleitoral, bem como os vexames do outro candidato, Paulo Maluf, correndo atrás do carro do oponente Mário Andreazza no dia da convenção do PDS, e até as confidências de Paulo César Farias na véspera de seu depoimento ao Congresso, quando se escondeu numa chácara com medo de ser assassinado, fariam a felicidade de qualquer historiador. Depois de 34 anos nos bastidores do poder, Francisco Pereira da Silva, o Índio, aposenta-se da Chefia do Serviço de Segurança do Senado depois de ter testemunhado episódios inusitados, curiosos e até obscuros da história recente do País.

Aos 57 anos, Índio é, seguramente, uma das personagens mais notórias do Senado. Começou a trabalhar em 1961 como motorista, passou à segurança, fez vários cursos no Exterior e acabou como "anjo da guarda" de autoridades que, por precaução, devem ser mantidas a uma boa distância uma da outra, como o general Figueiredo e o atual presidente do Senado, José Sarney. Do ex-presidente Figueiredo, com quem conviveu 18 anos na Casa Militar, no extinto Serviço Nacional de Informação (SNI) e na Presidência da República, ficou uma relação que inclui em média três telefonemas por semana e uma lealdade a toda prova. "Morro pelo Figueiredo, daria a última gota do meu sangue por ele", afirma.

Diplomaticamente, Índio não comenta o que Figueiredo diz de Sarney e o que Sarney diz de Figueiredo, desafetos públicos. Fernando Henrique Cardoso também está na



Renato Alves/AE

O chefe da Segurança do Senado: disposto a morrer por Figueiredo

galeria de presidentes amigos de Índio e chegou a contar divertido a seu antecessor Itamar Franco que o segurança foi o primeiro a prever que chegaria à Presidência da República. O então senador saía do gabinete para o plenário, em 1992, quando tropeçou na escada. Só escapou do tombo porque foi amparado pelo silencioso Índio. "Presidente, o senhor não precisa correr para chegar lá", disse o segurança. Nem Fernando Henrique acreditou: "Presidente, eu? Não chego nem a prefeito de São Paulo." Índio assegurou-lhe então que, em 1994, ele seria eleito presidente.

O chefe da Segurança do Senado deixa o cargo para se candidatar a prefeito de sua cidade, Luiz Gomes (RN), sem saber ainda se pelo PMDB ou PSDB. Lá, vai aproveitar a experiência de conviver com os mais conhecidos políticos do País.

Desse contato, saiu com opiniões bem definidas sobre cada um. "O Quêrcia acabou, não tem mais espaço na política para ele", diz. "Enquanto José Sarney existir, Quêrcia não volta." Índio jura também que o próximo presidente da República será Sarney, que "naquela época, não sabia governar, mas agora aprendeu".

Também acertou em cheio na previsão de que Fernando Collor não chegaria ao fim do mandato. Com acesso a informações dos subterrâneos do poder, Índio soube muito antes da maioria dos

brasileiros o que a República de Alagoas andava aprontando. "Eu sabia que aquela turma ia colocar o presidente a perder", garante, revelando também ter mandado uma carta ao próprio Collor para alertá-lo. O portador da mensagem foi o secretário Luiz Carlos Chaves.

EM 1992,
PREVIU QUE FH
SERIA
PRESIDENTE